

## ENTRE "ASPAS": A GUERRA DO MST

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) vem a cada dia ganhando espaço na Folha de São Paulo, despertando o interesse (e realimentando-o) sobre a estrutura, a organização e os objetivos do movimento, na sua luta pelo chão para sobreviver.

Assinante da Folha, e por ela motivada, já abstrai a idéia de possíveis ganhos políticos que os sem-terra pudessem obter com o fato de serem "notícia freqüente" de um periódico de tal porte. Passo a me deter (e a me inquietar) na "leitura" da cadeia de informações estrategicamente "aspeadas", conduzindo (ou induzindo) a opinião pública a encarar o movimento como um "Estado Paralelo", de "modelo paramilitar", que arma um arsenal para invasões. A ordem e a lógica das notícias preocupam na medida em que deixam patenteado um "espírito belicoso" divorciado da natureza daqueles homens e mulheres, sem esquecer das crianças, que antes de se constituírem ameaça, seriam vítimas da política social e econômica injusta que o Estado impõe e da insensibilidade (ou importância) da sociedade para com os sem-terra.

Usando "aspas" onde lhe convém, a Folha (edições de 22 e 31 de maio) fixa na mente do leitor que a escola técnica do Movimento, (FUNDEP), é órgão "puramente formal" a escamotear objetivos políticos, transmitindo ensinamentos "para-didático), com "cadernos de doutrinação" e biografia de revolucionários, a exemplo de Guevara, e um "calendário de lutas políticas", para "ensinar os alunos a questionar as injustiças e se organizar para combatê-las".

Ainda mais "instigante" a acusação de que relatórios dos "órgãos de informação oficial" SAE e PM) teriam afirmado que os sem-terra estariam contrabandeando armas do Paraguai, armazenando cerca de cinquenta (50), entre fuzis e pistolas, na fazenda Santa Rita, RS, onde fazem "treinamento ostensivo", para uso de foices e facões, improvisando lanças e cacetetes com pedaços de madeira. Com essas informações, a Folha já conseguiu implantar um "estado de guerra" no movimento e o temor de sua iminência, na sociedade, que interpreta as notícias veiculadas através das "aspas" habilmente distribuídas entre as expressões.

Retiradas as aspas, o estado bélico seria talvez uma opinião inofensiva. Colocadas as "aspas" em locais estratégicos, a "guerra" assusta e gera na opinião pública preconceito e indisposição contra o movimento.

O leitor mais crítico refletiria sobre o absurdo de um confronto entre homens, mulheres, crianças armados de "instrumentos de trabalho" rústicos e artesanais e um aparato policial treinado para operações militares, equipado com armas pesadas, investido de autoridade e "moral" para defender a propriedade "invadida" e manter a ordem pública.

Ao leitor mais experiente, restaria a angústia de lamentar a incitação contra os sem-terra e a indagar, "com todas as aspas", que propósitos se esconderiam nos bastidores de serviços secretos que elegem um jornal da envergadura da Folha de São Paulo como "instrumento" de revelação e divulgação de "dados sigilosos" que fazem dos sem-terra delinquentes e contrabandistas e de sindicatos, Igrejas e do PT, seus cúmplices.

Marília Lomanto Veloso  
Procuradora de Justiça da Bahia  
São Paulo, 1 de junho de 1994